

Bush manifesta apoio ao plano de Brady para reduzir a dívida

O presidente George Bush, tentando desfazer dúvidas sobre o apoio de seu governo ao plano do Departamento do Tesouro para a redução da dívida externa do Terceiro Mundo, deu, na terça-feira à noite, formal e total apoio ao novo programa.

Segundo o Wall Street Journal, Bush reuniu-se com seus principais assessores de Segurança Nacional, durante quase hora e meia, e posteriormente a Casa Branca expediu um comunicado pouco comum, em que informou sobre o debate da dívida do Terceiro Mundo.

"O presidente apóia os conceitos e procedimentos preconizados para a redução da dívida externa e promoção do crescimento econômico, formulados no discurso da última sexta-feira do secretário do Tesouro Nicholas Brady", destacou o comunicado assinado pelo secretário de Imprensa da Casa Branca, Marlin Fitzwater.

Ontem, o porta-voz da Casa Branca informou que o Federal Reserve Board (Fed, o banco central norte-americano) também está de acordo com o Plano Brady, segundo a AP/Dow Jones.

O objetivo do documento era dirimir as dúvidas suscitadas tanto no governo quanto entre a comunidade financeira, sobre se a nova política era a expressão de uma visão exclusiva de Brady ou se poderia ser considerada como uma iniciativa formal da administração Bush. Declarações colhidas na própria Casa Branca sobre o Plano Brady vieram aumentar essas dúvidas. Essas declarações, porém, eram ambivalentes, por não se constituir em exame formal e detalhado do plano. Esse estado de coisas foi dirimido com a reunião de terça-feira. Bush dera permissão antecipada a seu secretário do Tesouro para anunciar a

Externo Proposta depende de consultas

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, explicou ontem que sua iniciativa para a redução da dívida do Terceiro Mundo está vinculada a conversações com muitas organizações, incluindo ministros dos países industrializados, que compõem o Grupo dos Sete (G-7), o Fundo Monetário Internacional (FMI), nações devedoras e credoras e agências reguladoras, incluindo o Federal Reserve Board (Fed, o banco central norte-americano).

Muito embora falasse em termos gerais (perante uma comissão da Câmara), Brady mencionou efetivamente duas áreas específicas. Disse que teriam de ser examinados determinados aspectos reguladores sobre a forma de os bancos contabilizarem seus prejuízos e também teriam de ser investigados os acordos de participação em empréstimos bancários consorciados.

Questionado se os princípios mais amplos suplantariam o método de negociação "caso por caso" com as nações devedoras, Brady sustentou não acreditar que seja possível abandonar tal método de negociação.

O secretário do Tesouro disse que George Bush endossou seu discurso so-

bre a dívida antes de tê-lo tornado público na sexta-feira da semana passada.

PREJUÍZOS

Por sua vez, o secretário de Estado norte-americano, James Baker, disse que os bancos comerciais terão prejuízos com os empréstimos concedidos ao Terceiro Mundo e "sofrerão ainda mais no futuro" com o plano de redução da dívida esboçado por Brady.

"No meu entendimento, esta proposta nos levará naquela direção", disse Baker ante uma comissão do Congresso.

Baker, que como secretário do Tesouro norte-americano propôs a estratégia atual em relação à dívida do Terceiro Mundo no fim de 1985, expressou anteriormente seu apoio às propostas de Brady que incluem o uso de recursos financeiros do FMI e do Banco Mundial (BIRD) "para ajudar a agilizar o processo" de redução dos débitos.

"Eu considero que este é um passo correto na direção certa", disse Baker, depois de ressaltar que funcionários do Tesouro haviam enfatizado que seria um programa de "redução voluntária da dívida".

mudança política. Mas, até terça-feira, o presidente não tinha aprovado os detalhes do plano.

Com o documento em mãos, o Tesouro dispõe agora de plena autoridade para explicitar detalhes da iniciativa de redução da dívida externa. A iniciativa representa o contrário da política americana do passado, que punha em relevo os empréstimos bancários adicionais aos países do Terceiro Mundo. A declaração presidencial abre caminho para as negociações do Tesouro com os países devedores, bancos e instituições internacionais e aliados econômicos dos Estados Unidos.

Autoridades do Tesouro deveriam reunir-se ontem com representantes de

zesseis bancos internacionais, que se constituem nos maiores credores do Terceiro Mundo. Em duas semanas, Brady deve manter conversações sobre o assunto com seus colegas de outros países credores e com o Banco Mundial (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O plano empresta, pela primeira vez, o peso do respaldo dos Estados Unidos a um amplo esforço no sentido de levar os bancos a rolar uma grande porção de US\$ 400 bilhões da dívida externa do Terceiro Mundo. Para induzir os bancos a fazê-lo, seria empregado dinheiro do FMI e do BIRD.

Alguns funcionários da Administração, bem como do Fed, continuam duvi-

dando da possibilidade de a nova abordagem vir a funcionar, mas o pronunciamento incisivo do presidente, apoiando o plano, significa que essas objeções não conseguirão obstar o Plano Brady.

O secretário de Estado, James Baker, que formulou a estratégia americana do passado sobre a dívida do Terceiro Mundo, endossou publicamente, nesta terça-feira, o novo plano. Testemunhando perante um subcomitê da Casa, Baker disse:

"Eu mesmo acho que se trata de um passo certo na direção certa. Acho que as novas medidas vão reforçar a ênfase na redução do capital da dívida, o que, por algum tempo, muita gente defendeu."